



Maria de Medeiros (à esq.) e Teresa Madruga em «*Silvestre*»: um ofuscante clarão no cinema português

## *Silvestre* de João César Monteiro

**N**ÃO é que isso tenha algum significado especial, mas gostaria de começar por afirmar que gosto deste filme. Muito. Até às lágrimas. Não é habitual eu tomar-me de amores por um filme, no sentido excessivo de o desejar ver cem vezes, no sentido de gostar de o folhear: ter vontade de, simplesmente, ver uma sequência, escutar um diálogo ou apenas olhar a imagem, deixar-me possuir pelas intensidades várias que este filme tem em enorme concentração. Se houvesse filmes de cabeceira, *Silvestre* seria o meu dilecto companheiro.

É preciso que se diga que não há filme mais belo em todo o cinema português. Belo de uma beleza tão clara e tão forte que tem o brilho dos clarões: há cenas em que a gente se estarece como se o tempo e a dor parassem e o filme nos invadisse de uma incandescência de anjos. Ou demónios.

Anjos e demónios. Quem sabe a vera face dos protagonistas deste filme? Sílvia e o cavaleiro num amor tão grande que magoa. Amor perturbado, do tamanho de estrelas, amor negro que habita a transgressão, que povoa de desordem um mundo de regras feito. Amor de quem sabe que só se pode viver em — frentemente. E que tudo joga num perde-ganha de vertigem.

Maria de Medeiros e Luís Miguel Cintra dão corpo e voz a esses protagonistas. E se já se sabia que Luís Miguel Cintra é um dos grandes actores deste mundo que fazemos, a descoberta fulgurante de Maria de Medeiros, menina/mulher/efebo de pudícia adolescente e erotismo interior, é um acontecimento. O filme concentra-se em grande parte sobre o seu

rostro (rostro estranho de donzela renascentista, ora doce e calmo, ora inquietante, ora anjo de paz, ora vingador); dele extrai momentos tão perfeitos que quase julgamos impossíveis. A transfiguração de um rosto é bem a coisa mais comovente que pode acontecer em cinema.

Mas onde habitam esses dois seres? Num universo de fábula, num espaço de memória, certamente na raiz do que somos enquanto nação. Os cenários (de Ana Jotta) têm a materialidade sólida de objectos quotidianos envolta numa geometria renascentista, obviamente «falsa». Quer isto dizer que os cenários apontam para uma realidade medieva que não joga na verossimilhança mas sobretudo na imagem que sobrou desse tempo, a imagem que a pintura deixou. Daí que se possa falar num espaço de memória, a memória cultural que temos. E a menor das surpresas de *Silvestre* não é a de encontrarmos iluminuras espantosas, inventadas por um cinema que se quer puríssimo e duro como um diamante (e lembro aqui a imagem paralisada do cavaleiro, do dragão e da donzela; o cavaleiro/S. Jorge mata o dragão para salvar a donzela? ou o demónio mata o dragão que guarda a pureza da donzela? a donzela expõe o dragão abatido com mágoa ou alívio? o sangue que sai do dragão não é um pouco o da donzela de vermelho vestida? — perguntas que querem dizer que *Silvestre* é um filme que também se pode olhar como um quadro).

Daí que a diversidade de materiais cenográficos (que vão desde cenários naturais, a construções em estúdio, a projecções) seja unificada pela marca constante de uma atenção rigorosa às geometrias, volumes, espaços de luz e sombra, cor.

Luz e sombra, cor: é mera constatação afirmar-se que a fotografia de Acácio de Almeida para *Silvestre* é ímpar no cinema português (sei o que digo: não esqueço Elso Roque com Francisca, nem Costa e Silva com Mariana Alcoforado); e não é exagero acrescentar que não há meia dúzia de filmes por ano, qualquer que seja a sua origem, que possam, nesse campo, emparceirar com este. E lembro aqui essa alba que nasce, na noite do peregrino, lento desabrochar de um azul bellissimo (e que, simultaneamente, dá às coisas um ar pútrido, manchado) enquanto a banda de som se povoa de ruídos de um dia que vem.

Ruídos: é preciso atentar no trabalho sonoro deste filme. Antes de tudo na forma como as palavras são usadas (um texto morfológicamente «arcaico» para sonoridades requintadas e subtis: palavras ditas com marcada intencionalidade melódica; vozes utilizadas como materiais de ritmo e timbre).

Depois no papel da música (*Silvestre* é um filme de melómano). Por fim na cuidadíssima banda de ruídos que frequentemente criam, por si só, ambiências e acções. Este filme é também para ouvir, coisa rara no cinema português que é dos mais surdos que há no mundo.

Comecei este texto a dizer que gosto muito deste filme. Depois procurei explicar porquê. Devo acrescentar que sinto *Silvestre* como uma criação radicalmente portuguesa, que tem tudo a ver connosco, com este chão e com o passado, com a cultura que temos, com o imaginário colectivo desta nação que é a nossa. Ainda não consegui, porém, conscientizar a matriz dessa sensação. Por uma vez uma opinião que não fundamente.

Resta dizer que João César Monteiro encontra, enfim, a cristalização das constantes do seu cinema: a ironia, o amor pelos actores, a paixão pelos seres negros, o sopro musical, a atenção plástica. *Silvestre* é um filme que imporia definitivamente o seu autor como um dos grandes criadores culturais destes dias, se este país não fosse tão vesgo, tão estreito, tão ignaro.

### Ficha:

**Realização, argumento e montagem:** João César Monteiro (Portugal — 1980/81).

**Diálogos:** João César Monteiro e Maria Velho da Costa.

**Fotografia:** Acácio de Almeida.

**Música:** música tradicional portuguesa interpretada pelo Grupo Etnográfico de Tui zelo, música da Idade Média interpretada pelos Segreís de Lisboa e excertos de obras de Perotinus Magnus, Claudio Monteverdi, Alonso Mudarra, Edgar Varese, W. A. Mozart, Franz Schubert.

**Cenários:** Ana Jotta.

**Som:** Vasco Pimentel, Paola Porru (misturas: Jean Paul Loublier).

**Interpretação:** Maria de Medeiros (Sílvia/Silvestre), Luís Miguel Cintra (peregrino/cavaleiro/D. Raimundo), Teresa Madruga (Susana), Jorge Silva Melo (D. Paio/Bofo), João Guedes (D. Rodrigo), Xosé Maria Straviz (alferes), Ruy Furtado (Matias), etc.

**Produção:** V. O. Filmes (produtor executivo: Paulo Branco).

**Distribuição em Portugal:** Filmes Lusomundo.

**Cinema:** Cinebloco.

**Classificação:** Não aconselhável a menores de 13 anos.

**Duração:** 120 minutos.

**Jorge Leitão Ramos**